

**EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID:  
PRÁTICAS DE ENSINO, SABERES (GEO)CARTOGRÁFICOS E  
INTERDISCIPLINARIDADE**

**Jandson Juriti Santos**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB / *Campus XI*  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência–PIBID/CAPES  
jandsonsantos01@hotmail.com

**Maristela Rocha Lima**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ *Campus XI*  
Escola Municipal Leandro Gonçalves da Silva  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência–PIBID/CAPES  
stellarochoa.geo@gmail.com

**Jussara Fraga Portugal**

Universidade do Estado da Bahia– UNEB / *Campus XI*  
Geografia, Diversas linguagens e Narrativas de professores – GEO(BIO)GRAFAR  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência–PIBID/CAPES  
jfragaportugal@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este texto versa sobre algumas experiências formativas sobre orientação (geo)cartográfica vivenciadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – na Universidade do Estado da Bahia/*Campus XI*, Serrinha, a partir das ações do subprojeto intitulado *Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*. Neste contexto foram desenvolvidas oficinas didático-pedagógicas referentes ao *II Ateliê Geográfico Temático* que teve como proposta abordar a cartografia enquanto dispositivo e linguagem no ensino de Geografia. Nessa perspectiva, é objetivo deste artigo refletir sobre a importância da alfabetização (geo)cartográfica a partir de práticas desenvolvidas em contexto interdisciplinar com os professores da Escola Leandro Gonçalves da Silva, localizada no povoado de Amorosa, município de Conceição do Coité, sertão da Bahia

**Palavras-Chave:** Alfabetização (geo)cartográfica. Experiência formativa. PIBID.

### **Motivação inicial – uma introdução**

A (geo)cartografia é uma expressão comumente usada no contexto da educação que objetiva unir os saberes da Cartografia Escolar, sobretudo, questões referentes ao processo de alfabetização cartográfica aos conceitos e temas trabalhados pela Geografia na escola. A inserção da Cartografia na abordagem dos conteúdos curriculares da Geografia é imprescindível para o ensino, pois garante aos alunos a articulação dos conhecimentos geográficos com os saberes cartográficos, procedimento que possibilita aprendizagens significativas e contextualizadas.

Neste trabalho, é nosso objetivo compartilhar com o leitor experiências formativas desenvolvidas no âmbito do PIBID<sup>1</sup> cujo eixo norteador foi o processo de alfabetização cartográfica desenvolvido em contexto interdisciplinar com professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental da Escola Leandro Gonçalves da Silva<sup>2</sup>. Com esta prática transcendemos a ideia da alfabetização (geo)cartográfica para além da Geografia e da Cartografia, pois a proposta foi realizar um trabalho que contemplasse a alfabetização cartográfica envolvendo todos os componentes curriculares da escola parceira do PIBID.

Para além das discussões acerca da importância da alfabetização cartográfica para os alunos de todas as etapas das trajetórias de escolarização, a partir de um contexto ancorado nos princípios da interdisciplinaridade, este trabalho também contempla discussões acerca da importância da formação inicial do professor de Geografia para além do espaço da universidade, pois a formação docente inicial necessita perpassar por experiências formativas teóricas e práticas para garantir a construção de uma formação sólida de futuros professores de Geografia, articulando os saberes acadêmicos com os saberes construídos na escola, a partir das práticas desenvolvidas no exercício da docência. É extremamente relevante possibilitar aos graduandos das licenciaturas um contato com o futuro espaço de atuação profissional, o que vai garantir maior segurança aos futuros professores quando estes assumirem, de fato, a docência, como profissão. Este contato prévio garante ao estudante em formação conhecer o espaço escolar e as práticas pedagógicas de professores o que é algo muito significativo e complementar à formação e ao desenvolvimento de conhecimentos, competências e habilidades necessárias para a atuação profissional.

---

<sup>1</sup> Programa que concede bolsas para estudantes de licenciatura, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, com os principais objetivos: 1) incentivar a formação de docentes em nível superior para a Educação Básica; 2) contribuir para a valorização do magistério; 3) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e Educação Básica; 4) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, de caráter inovador e interdisciplinar, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; 5) incentivar escolas públicas de Educação Básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-os protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e 6) contribuir para a articulação teórico-prática necessária à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

<sup>2</sup> A Escola Leandro Gonçalves da Silva atende basicamente a alunos oriundos do campo. É uma escola núcleo, pois recebe alunos de várias outras localidades circunvizinhas. Canta Galo, Morro, Tabuleiro, Queimada do Félix são as principais comunidades de origem dos educandos. No ano de 2016, foram matriculados 130 alunos nas modalidades de ensino Educação Infantil e Ensino Fundamental do 5º ao 7º anos. No ano de 2013, a escola alcançou a nota de 3,4 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica–IDEB.

É neste contexto de parcerias e possibilidades que emerge o PIBID de Geografia no *Campus XI* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, situado na cidade de Serrinha<sup>3</sup>, no Território de Identidade do Sisal<sup>4</sup>, a partir do subprojeto intitulado “*Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*”, o qual tece importantes articulações entre a universidade e a escola básica, bem como a apropriação de diversas linguagens para o desenvolvimento de atividades pertinentes ao ensino-aprendizagem de Geografia.

O subprojeto do PIBID na Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, intitulado *Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico* (BATISTA; OLIVEIRA; PORTUGAL, 2013), contempla 45 (quarenta e cinco) bolsistas de iniciação à docência, 9 (nove) professores supervisores, 3 (três) professoras coordenadoras de área e está sendo desenvolvido em 6 (seis) escolas no município de Conceição do Coité, Serrinha e Teofilândia. Os objetivos do referido subprojeto são:

Articular a Universidade à escola básica, por meio do desenvolvimento de ações situadas no campo da formação do professor de Geografia; promover a inserção dos licenciandos em Geografia no contexto das escolas da rede pública de ensino fundamental e médio dos municípios de Serrinha, Teofilândia e Conceição do Coité-BA; apropriar-se de diferentes linguagens enquanto possibilidades de mediação para trabalhar temáticas e conteúdos presentes na Geografia da escola básica; concretizar momentos de socialização, discussão e reflexão sobre as produções e ações pedagógicas dos professores e bolsistas de iniciação à docência em Geografia. (BATISTA, OLIVEIRA, PORTUGAL, 2013, p. 12).

Este trabalho apresenta discussões acerca de experiências formativas desenvolvidas por bolsistas no âmbito do referido subprojeto com a realização da ação

---

<sup>3</sup>Serrinha é um município situado no Estado da Bahia, localizado mesorregião do Nordeste Baiano Nordeste, situa-se à margem da BR 116 Norte e BA 040, a 180 km (cento e oitenta quilômetros) de Salvador. Segundo dados do Censo Demográfico (IBGE, 2010) a população deste município é de 77.285 habitantes. Considerada a cidade polo do Território de Identidade do Sisal, Serrinha abriga no seu espaço importantes organismos da administração pública estadual e federal: Diretoria Regional de Educação – DIREC 12; Diretoria Regional de Saúde – 12ª Dires; Circunscrição Regional de Trânsito – 29 Ciretran; 16º Batalhão da – JUCEB; Fundação Nacional de Saúde – FUNASA; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; Receita Federal do Brasil; 5º Delegacia do Serviço Militar do Exército; Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA; Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia – ADAB; Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR.

<sup>4</sup>Espaço do Território Baiano que abrange uma área de 20.454 Km<sup>2</sup>, o equivalente a 3,6% do território baiano. Segundo últimos dados do IBGE (2010) a sua população (582.331hab.) corresponde a 4,15% do total da população baiana, sendo que 57,20% dessa população residem na zona rural. O Território de Identidade do Sisal, mais conhecido como Região Sisaleira, está localizado no semiárido da mesorregião do Nordeste Baiano, distante da capital baiana aproximadamente 180 km. Esta delimitação é baseada nos propósitos do Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais (PNDSTR), apresentada pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) / Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT). Os Municípios que compõem o Território do Sisal são: Araci, Biritinga, Barrocas, Candeal, Conceição do Coité, Cansanção, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Quinjingue, Queimadas, Retirolândia, Santa Luz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente.

denominada de *II Atelier Temático Geográfico – A linguagem cartográfica na Geografia Escolar: saberes, conceitos e temas* – o qual intencionou abordar a Cartografia enquanto dispositivo e linguagem no ensino de Geografia, a partir de práticas no formato de oficinas pedagógicas com professores da escola parceira Leandro Gonçalves da Silva, situada na comunidade rural de Amorosa em Conceição do Coité<sup>5</sup>, município pertencente ao Território de Identidade do Sisal, Sertão da Bahia.

Objetivando contribuir com o processo de alfabetização (geo)cartográfica dos alunos da escola parceira foi que a equipe de bolsistas participantes do referido subprojeto pensou, planejou e realizou o *I Seminário de Iniciação à Leitura (Geo)Cartográfica* enfocando uma discussão sobre o contexto da Geografia e da linguagem cartográfica na escola e nas práticas cotidianas, bem como tecer reflexões sobre a importância da utilização desta linguagem nas diversas áreas do conhecimento.

A proposta destas atividades esteve vinculada à ação *II Atelier Geográfico Temático*<sup>6</sup> e foi desenvolvida em três momentos articulados e complementares, a saber: o primeiro momento foi a realização do *I Seminário de Iniciação Cartográfica: Práticas Cartográficas no Cotidiano Escolar* que caracterizou o *PIBID Itinerante*<sup>7</sup> no qual, os bolsistas professores supervisores e coordenadores de área participaram dos seminários desenvolvidos nas escolas parceiras. Após este seminário foi realizado o planejamento de oficinas didático-pedagógicas interdisciplinares voltadas para os professores da escola. Estas oficinas objetivaram promover momentos formativos a partir de práticas pedagógicas com o uso didático-pedagógico da linguagem cartográfica.

### **Cartografia Escolar e experiências formativas**

A leitura e a interpretação de mapas são habilidades que devem ser garantidas ainda na primeira etapa do Ensino Fundamental. Porém, o que se constata, de modo

---

<sup>5</sup>Município localizado na Mesorregião do Nordeste Baiano e na Microrregião de Serrinha. Em 2013 foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística uma população de 67.126 habitantes. Possui uma área de 1.086.224 km<sup>2</sup>.

<sup>6</sup> A atividade denominada *Atelier Geográfico Temático* é concebida, no âmbito do subprojeto “*Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*” como um espaço de diálogo que possibilita a reflexão da/na prática, a partir de estudos orientados e realização de práticas contemplando conteúdos, conceitos e temas da Geografia Escolar, atrelados às diversas linguagens, como dispositivos formativos na sala de aula. Nesse espaço, os alunos bolsistas de iniciação à docência e professores supervisores das escolas parceiras e outras escolas convidadas, vivenciam práticas pedagógicas, voltadas para um ensino de Geografia na Educação Básica ancorado na dimensão da concretude e da totalidade do espaço e na perspectiva da crítica e da problematização.

<sup>7</sup> O *Pibid itinerante* é a ação concebida como uma atividade de caráter formativo-criativa em que são realizados encontros de visitas dos grupos pelas escolas parceiras, através do fomento de atividades que são desenvolvidas em parceria com os alunos e professores das escolas parceiras.

geral, nas turmas do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) é uma realidade que não condiz com as competências e habilidades propostas para esta etapa da Educação Básica, tendo em vista a compreensão dos conteúdos da Geografia contemplados no currículo escolar.

Quando se discute o processo de alfabetização cartográfica objetiva-se fazer com que os alunos sejam capazes de decodificar códigos e símbolos gráficos presentes nas imagens (geo)cartográficas.

Segundo Oliveira e Portugal, a Cartografia, de modo geral, refere-se

[...] à elaboração de mapas, que são expressões gráficas representadas por uma linguagem que sintetiza informações, expressa conhecimentos e estuda situações e fenômenos geográficos, sempre envolvendo a ideia de produção do espaço. Porém, a educação cartográfica sofre, dentre muitos fatores, com a carência de material cartográfico na maioria das escolas, desde a ausência de mapas e globos até de geotecnologias mais modernas. (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012, p. 195)

Sobre o processo de alfabetização cartográfica Rios e Mendes (2009, p. 1) sinalizam que este procedimento “refere-se ao processo de domínio e aprendizagem de uma linguagem constituída de símbolos e significados; uma linguagem gráfica (códigos e símbolos definidos – convenções cartográficas)”. Porém, é importante salientar que ler mapas vai além da decodificação de símbolos, é um processo que exige a interpretação crítica e reflexiva do mapa e/ou de uma imagem, pois esta é também um importante artefato para se ensinar e aprender a Geografia. Rios e Mendes (2009, p. 1) afirmam ainda que “trabalhar com alfabetização cartográfica é de suma importância, pois tal atividade faz parte do processo de ensino – aprendizagem”. Vale ressaltar que as habilidades – ler e interpretar mapas – devem ser desenvolvidas/garantidas no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental, pois trata-se de duas atividades que exigem concentração e capacidade de abstração, habilidades adquiridas pelo aluno de acordo com o seu processo de maturidade cognitiva. Esta maturidade não é igual para os alunos, cada um tem seu tempo e depende muito de como o aluno está sendo inserido neste processo.

A Cartografia é uma importante ciência que dialoga com a Geografia e a sua mais relevante contribuição ancora-se nos processos de compreensão, análise, interpretação e localização de fenômenos, fatos e processos do/no espaço geográfico. É de fundamental importância para o desenvolvimento e consolidação dos conhecimentos geográficos, pois sabemos que os elementos cartográficos são bastante utilizados pelos geógrafos para a representação do seu objeto de estudo. Logo, percebe-se, também, a

função didático-pedagógica do uso da linguagem cartográfica em sala de aula, sendo também de fundamental importância para o desenvolvimento da percepção de mundo do aluno em seu cotidiano. A cartografia também contribui para estudos desenvolvidos no âmbito de outras áreas de conhecimento, dentro e fora da escola, não se restringindo apenas ao componente curricular geográfico. Segundo PASSINI, “o espaço é o objeto comum de investigação da Geografia e da Cartografia, uma sendo o conteúdo e a outra, a linguagem, portanto indissociáveis” (2012, p. 52). Diante disso, fica evidente a relevância da linguagem cartográfica para os estudos geográficos.

A Cartografia nos remete a uma abordagem sobre a utilização de mapas, cartas e plantas, pois, estas, são importantes formas de representar e conhecer determinado espaço. Neste contexto, é de suma importância que as pessoas conheçam, interpretem e usem em sua dia a dia os elementos cartográficos – mapas, cartas, plantas – assim como conhecerem as convenções cartográficas importantes também para as situações da vida cotidiana.

Tanto a Cartografia quanto a Geografia, assim como outras ciências, possuem uma interligação entre si, pois objetivam a construção sistemática das informações, para que venha a ter a compreensão espacial do fenômeno, fato e/ou processo geográficos. E, para tal, a utilização do mapa, nas áreas de conhecimento Geografia e Cartografia, é necessária, pois, proporciona a construção de conhecimentos e compreensão acerca da distribuição e organização do espaço. Nesta perspectiva, consideramos o saber interpretar mapas, se localizar e se orientar cartograficamente no espaço como conhecimentos que devem ser garantidos pela escola através da alfabetização cartográfica. Concordando, pois, que

[...] é na escola que deve ocorrer a aprendizagem espacial voltada para a compreensão das formas pelas quais a sociedade organiza seu espaço – o que será plenamente possível com o uso de representações formais (ou convencionais) desse espaço (ALMEIDA; PASSINI, 2010, p. 11).

Desse modo, é mister que a linguagem cartográfica seja concebida como um dispositivo didático-pedagógico nas práticas cotidianas no contexto da sala de aula comumente em parceria com o processo de alfabetização convencional (leitura e escrita) desde as primeiras experiências escolares, na etapa da Educação Infantil e ampliado no dever da Educação Básica. No início de sua escolarização é essencial que o aluno desenvolva noções (geo)cartográficas, visto que estas serão indispensáveis para a compreensão de muitos temas, temáticas e conceitos geográficos, nos anos posteriores, nas trajetórias de escolarização.

## As práticas – oficinas pedagógicas: experiências formativas e interdisciplinaridade

As experiências vivenciadas no âmbito das oficinas do *II Atelier Geográfico Temático* e desenvolvidas na escola parceira Escola Leandro Gonçalves da Silva foram de fundamental importância para nós futuros professores em formação e para os professores da escola e que participaram deste momento formativo. Para motivar e compartilhar com o leitor estas experiências formativas escolhemos a charge que segue, por acreditar que, a partir de um ensino contextualizado, poderemos contribuir para a superação de algumas das fragilidades presentes, ainda hoje, na escola.

“Aonde é a frente?” Este é um dos questionamentos evidenciados na tirinha. Será que a minha frente é a sua frente? A humanidade está indo para a frente, mas qual frente? A frente escolhida por você, por mim, por um sistema que homogeneiza os alunos, os professores, a sociedade é a “frente” que desejamos?



Fonte: Quino (2003, p. 31, tira 5).

Disponível:

[https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/As\\_tiras\\_da\\_Mafalda\\_7%C2%AA\\_Parte.pdf?1333502474%20](https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/As_tiras_da_Mafalda_7%C2%AA_Parte.pdf?1333502474%20). Acesso em 05 out. 2016

Neste contexto de possibilidades de interpretações e de possíveis conhecimentos a serem construídos é que iremos socializar algumas das práticas que foram desenvolvidas no âmbito das oficinas propostas pelo *II Atelier Geográfico Temático*.

São diversos os recursos que podem auxiliar um professor a realizar uma aula na qual os conhecimentos cartográficos se fazem presentes. Atualmente, com o avanço tecnológico é possível se apropriar de uma gama de instrumentos que permitem trabalhar a linguagem cartográfica para que os alunos percebam e aprimorem significativamente a utilização dos saberes cartográficos no seu cotidiano. Porém, Aragão e Lima nos alertam:

Entretanto, convém salientar que, assim como qualquer outro tema, a Cartografia requer um excelente preparo daqueles que irão ministrá-la, pois as constantes inovações tecnológicas inseridas na Cartografia sugerem preparo dos profissionais da educação, além de requerer um planejamento específico através do currículo escolar. (ARAGÃO; LIMA, 2010, p.10)

Desta forma, é fundamental que o sistema educacional estabeleça métodos pedagógicos para o reconhecimento da importância da Cartografia Escolar (ARAGÃO; LIMA, 2010), desde as graduações (cursos de formação de professores) ao ensino básico, além do preparo para o manuseio de seus variados instrumentos, visto que é salutar que o docente esteja munido de conhecimentos teórico-prático-metodológicos e cartográficos para que possa proporcionar para seus alunos, através de práticas, a apreensão e compreensão dos saberes (geo)cartográfico.

É pertinente ressaltar, também, que os elementos e os instrumentos da Cartografia estão por todas as partes, portanto, ela está também no cotidiano de todos os alunos, pois no momento em que é necessário seguir um trajeto de casa para chegar à escola, se deslocar pela cidade, andar pelas ruas, ir à casa de um amigo, e/ou chegar a outros lugares da cidade e fora dela, já são possibilidades de utilização de métodos/saberes cartográficos.

É mister destacar que os professores que atuam na escola em outros componentes curriculares podem explorar a linguagem cartográfica em sua aula, desde que tenham um conhecimento aprimorado sobre esta linguagem. Diante disso, o mais interessante é que tais conhecimentos da Geografia e da Cartografia, mesmo que trabalhados interdisciplinarmente, podem ser concebidos de forma atrativa e dinâmica.

No contexto do *II Atelier Geográfico Temático*, várias atividades foram desenvolvidas, objetivando contemplar a interdisciplinaridade entre os componentes curriculares, a partir de práticas com a linguagem cartográfica. Todavia, aqui neste trabalho será contemplado apenas algumas práticas voltadas para a temática de orientações (geo)cartográficas.

Assim, na seção do texto a seguir, apresentaremos as atividades que foram desenvolvidas com professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no *I Seminário de Iniciação à Leitura (Geo)Cartográfica*, na Escola Leandro Gonçalves da Silva, no contexto do referido atelier.

### *1. O potencial da fantasia da criança: Croqui Fictício*

Esta atividade pode ser desenvolvida a partir do professor de Geografia e socializada com os professores da área de Linguagens (Língua Portuguesa, Língua estrangeira, produção textual, Arte etc). A partir das suas etapas e critérios, os professores podem trabalhar produção textual, conteúdos relacionados à gramática e até

reelaborar o croqui em outra língua (Língua Inglesa ou Língua Espanhola) a depender do currículo da escola.

O *croqui fictício* é uma atividade na qual os alunos devem descrever percursos (de casa para a escola, da escola a outro lugar da cidade ou outro percurso escolhido pelo aluno) utilizando como guia o posicionamento e as orientações (geo)cartográficas. Para a realização desta atividade foi necessário apenas da representação (desenho) de um trajeto contendo legenda dos objetos representados e a orientação de posicionamento (pontos cardeais). O *croqui fictício* é seguido de perguntas para serem respondidas corretamente e, para tal é importante que os alunos tenham já construído as noções básicas de distância, lateralidade, direção e orientação (pontos cardeais). Esta mesma atividade pode ser aproveitada pelos professores das áreas de Linguagens, por exemplo, e desenvolver outras propostas a partir desta.

## 2. *O potencial das brincadeiras: vivo/morto ou norte/sul*

Nesta atividade a Educação Física pode ser uma ótima parceira da Geografia, pois esta brincadeira é uma ótima oportunidade para trabalhar as noções de lateralidade (em cima/em baixo/direita-esquerda/frente-atrás) dependendo da faixa etária da turma e do poder de criatividade dos professores. Nesta atividade, o corpo da criança é o ponto de referência considerado para realizar a tarefa, a qual possibilita a construção das noções mencionadas, necessárias no processo de alfabetização (geo)cartográfica.

## 3. *O segredo sempre desperta interesse: a caça ao tesouro*

A aula será a maior diversão. Qualquer componente curricular pode realizar um caça tesouro e as orientações podem ser de acordo com a preferência do professor, sendo que quando estas instruções forem (geo)cartográficas, o professor estará contribuindo para o processo de alfabetização cartográfica dos alunos, pois estará fazendo uso dos saberes e conceitos da linguagem cartográfica.

Sem dúvidas esta foi uma prática bastante dinâmica e prazerosa para os professores e, além disso, proporcionou a estes, maior aquisição e domínio dos conceitos da linguagem cartográfica.

## 4. *Para não se perder... Vamos construir uma bússola e um relógio do Sol*

Com a era da informatização, a bússola e a orientação pelo Sol quase que caíram no desuso, mas se pensarmos que os aparelhos eletrônicos (GPS – *Global Position System* – *Sistema de Posicionamento Global*, celular e o próprio relógio)

podem nos deixar “na mão”, estes instrumentos caseiros e de conhecimento popular ainda podem ser muito importantes e ter utilidade na realização de trabalhos de campo.

A bússola foi um instrumento de fundamental importância no período das grandes navegações como mecanismo de orientação. Atualmente, este recurso está sendo substituído por outros equipamentos mais precisos e de simples interpretação como os aparelhos tecnológicos e GPS (*Global Position System – Sistema de Posicionamento Global*), entretanto, sua forma melhorada é muito utilizada por embarcações e aeronaves já que é um equipamento que não precisa de pilhas, nem conexão com tomadas elétricas, além de apresentar menos probabilidade de falhas.

A realização desta prática em sala de aula caracteriza-se como uma relevante oportunidade didático-pedagógica para explorar diversos conteúdos curriculares, de diferentes componentes da matriz curricular do ensino básico, de modo interdisciplinar. Esta atividade possibilita ao professor abordar a importância da bússola e demonstrar suas utilidades em diversos componentes (Ciências, História, Arte, Matemática, dentre outros) e não apenas se restringido à abordagem de conceitos e temas da Geografia. Porém, é importante que os alunos tenham conhecimentos básicos de orientação cartográfica para conseguir maior êxito na exploração do recurso e melhor aproveitamento na atividade proposta, sob a orientação do professor para não gerar concepções errôneas quanto ao posicionamento dos polos magnéticos e geográficos.

O “Relógio de Sol” consiste em um utensílio que foi bastante utilizado quando ainda não existiam relógios analógicos, digitais e outros aparelhos que medem as horas como os que temos nos dias atuais. Durante as oficinas na escola Leandro Gonçalves da Silva também realizamos a construção de um “Relógio de Sol”, cuja intenção foi explorar as noções espaciais dos participantes das oficinas e, também, reafirmar a importância dos saberes cartográficos nas práticas cotidianas.

### **Considerações finais**

O *II Ateliê Geográfico Temático* pode ser concebido como um laboratório de experiências (geo)cartográficas, pois permitiu aos professores da Escola Leandro Gonçalves da Silva a construção de conhecimentos (geo)cartográficos, a partir da realização de práticas de ensino interdisciplinares, articulando os componentes do currículo escolar, a partir da proposição de práticas pedagógicas com o uso didático da linguagem cartográfica. Desta forma, esta ação – *II Ateliê Geográfico Temático* – no contexto do subprojeto do PIBID – *Formação Docente e Geografia Escolar: das*

*práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico* – foi muito importante para os profissionais envolvidos, pois, possibilitou a todos vivenciar diferentes práticas, as quais contemplaram a discussão sobre os saberes cartográficos, tendo em vista, garantir a alfabetização (geo)cartográfica dos professores, e, também, incentivá-los a incorporar e/ou ressignificar as experiências no espaço da sala de aula, elaborando proposição de atividades com os recursos cartográficos. Desse modo, vale destacar que a nossa intenção foi possibilitar aos professores diferentes modos de compreender a Cartografia e os seus recursos como dispositivos didático-pedagógicos na abordagem de conceitos e temas na escola.

Em virtude de tudo que foi mencionado constata-se que o PIBID tem se configurado um programa essencial para a formação inicial do profissional docente e, também como espaço de formação continuada de professores, pois, possibilita aos licenciandos vivenciar na prática o cotidiano do trabalho docente e, em contrapartida, torna-se um espaço de partilha de saberes, ao contemplar os professores que estão no exercício da profissão, numa nova modalidade de formação docente. Outro elemento que também tem sido possível, mediante a realização das atividades propostas pelo subprojeto do PIBID – *Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico* – nas escolas parceiras do Território de Identidade do Sisal, é a interação dos sujeitos que compõem a comunidade escolar – professores, gestores, alunos, funcionários e toda a comunidade – no devir do desenvolvimento das ações do referido programa. Neste contexto, a realização de práticas pedagógicas com as diferentes linguagens tem permitido aos licenciandos adquirir conhecimentos e inserir métodos no fazer docente. No âmbito do *II Ateliê Geográfico Temático – A linguagem cartográfica na Geografia Escolar: saberes, conceitos e temas* –, o uso da linguagem cartográfica foi bastante significativo para a apropriação e abordagem de conteúdos geográficos, favorecendo, assim, a preparação de professores aptos a exercerem as funções da profissão docente, a partir de uma leitura de mundo, capaz de propor práticas de ensino numa perspectiva interdisciplinar, articulando os conteúdos (geo)cartográficos em suas aulas.

Como bem sinaliza Passini (1994), a educação para a leitura de mapas deve ser entendida como um processo de aquisição, pelos alunos, de um conjunto de conhecimentos e habilidades, para que consiga efetuar a leitura do espaço, representá-lo e desta forma construir conceitos sobre as relações espaciais.

## Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin de.; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 16 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ARAGÃO, Wellington Alves; LIMA, Jean Carlos Ferreira de. Cartografia Escolar: experiências no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, XXX., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2010.

BATISTA, Marize Damiana Moura Batista e; OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. Edital CAPES 061/2013. Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus XI*, Serrinha-BA, 2013, 23 p. (Digitalizado).

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de geografia**. Colaboração Romão Passini. São Paulo: Cortez, 2012.

PASSINI, Elza Y. **Alfabetização cartográfica**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

PIBID. Programa de Bolsas de Iniciação à Docência. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Disponível em: [https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/As\\_tiras\\_da\\_Mafalda\\_-\\_2%C2%AA\\_Parte.pdf?1332898623](https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/As_tiras_da_Mafalda_-_2%C2%AA_Parte.pdf?1332898623) Acesso em 20 de setembro de 2016.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. O ensino da geo(carto)grafia: práticas com o desenho numa proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2012. p. 185-211.

RIOS, Ricardo Bahia; MENDES, Julyend Silva. Alfabetização Cartográfica: práticas pedagógicas nas séries iniciais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11, 2009. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009.